

DESTAQUES  
DO PORTAL  
A TARDE

Divulgação

Semana do Meio Ambiente tem ações por toda Salvador  
www.atarde.com.br/bahia

Brasileiros podem estudar na Espanha com bolsas de estudo  
www.atarde.com.br/portalmunicipios

www.atarde.com.br  
71 3340-8991  
(Cidadão Repórter)  
71 99601-0020  
(WhatsApp)

## EDITORIAL Vacinar é preciso

É preocupante o baixo índice de vacinação. Não se precisa dizer da importância para as crianças do controle de doenças que já faziam parte do passado. Agora, vacinas obrigatórias têm cobertura abaixo da meta, salvando-se apenas a BCG.

Ainda assim, a Bahia teve o índice mais baixo de cobertura para a BCG, com 81%. O mesmo percentual e o último lugar entre os 26 estados mais o Distrito Federal, a Bahia repetiu o desempenho com a vacinação pneumocócica.

No geral, considerando todos os estados, o Ministério da Saúde não conseguiu

alcançar a meta na vacinação de rotavírus, meningocócica C, pneumocócica, poliomielite e a pentavalente.

Como explicar a queda nos números de vacinação? Estaria faltando divulgação

**Doenças já erradicadas, como a paralisia infantil, poderão voltar se não forem desenvolvidos esforços urgentes**

para provocar nos brasileiros a necessária consciência de vacinar todas as nossas crianças, sem que falte uma sequer?

Doenças já erradicadas, como a paralisia infantil, poderão voltar se não forem desenvolvidos esforços urgentes no sentido de reverter a situação desfavorável para a saúde dos novos brasileiros.

Um excesso de confiança da cidadania, talvez relacionada à fé, estaria inflando? É possível levar em conta esta hipótese, pois a vacina está relacionada à ciência, que vem sendo atacada até pelas autoridades que a deveriam defender.

É necessário que o ministério fortaleça

suas alianças com as secretarias estaduais, independentemente de ideologia, com o objetivo de recuperar a importância da vacinação.

É dever do Estado e de cada pai, mãe ou responsável levar a criança aos postos de vacinação para preencher toda a carteira no sentido de viabilizar a saúde: é o futuro do Brasil que precisa ser defendido.

Será que vamos ter de chorar o retorno a um estágio que já havíamos ultrapassado e ter de amargar a condição de nação atrasada, que não cuida de algo tão elementar?

### BRUNO AZIZ



## Chegou carta do papa

**Carlos Pronzato**

Cineasta e escritor, sócio do IGHB  
carlospronzato@gmail.com

A carta enviada pelo papa Francisco ao ex-presidente Lula em 29 de maio, divulgada pela Folha de S. Paulo, desde o Vaticano à prisão em Curitiba, causou, causa e continuará causando admiração, gratidão, raiva, revolta e outros tantos sentimentos e reflexões segundo o prisma político da observação individual livre de partidários ou das predileções políticas à direita e à esquerda.

Em tempos de polarização desenfreada e corrosiva como a atual, alimentada nas redes sociais pela tropa de choque de apoio ao governo federal, fomentada pelo anonimato dos fake news (de fundamental incidência no resultado das últimas eleições presidenciais no País) assistir a mais uma contenda da política institucional não deveria causar surpresa, já que se trata de mais uma peça no agressivo tabuleiro do xadrez que conduz, como sempre, às urnas e, em seguida, às chaves do cofre do Estado.

Não é todo dia que alguém, em situação de cárcere, recebe carta do Sumo Pontífice, esta, segundo se diz, uma resposta a uma outra carta enviada por Lula em 29 de março, analisando a conjuntura nacional e denunciando o processo judicial que sofreu aquele que, sendo o vencedor natural, foi afastado "legalmente" do pleito eleitoral. Essa carta, enviada desde a prisão em Curitiba, não gerou revoadas históricas na direita, mas a carta do Vaticano colocou toda a plataforma virtual da rede bolsonarista, a teclar freneticamente no seus notebooks, chegando ao ponto de desconhecer a máxima autoridade eclesial no papa Francisco e reconhecer o anterior chefe da Igreja Católica, o renunciante Joseph Ratzinger (sic). Dizer que a Igreja Católica está corrompida pela Teologia da Libertação é natural em grupos que defendem uma Igreja das elites, mas negar a decisão da fumaça preta das chaminés do Vaticano é mais uma pérola da "intelectualidade olavista" destes tempos neofascistas, como a invenção do "terrapiplano" ou de um "nazismo de esquerda", por exemplo.

Segundo o intelectual católico Bernardo Küster, o que o Santo Padre fez foi uma carta de caridade cristã, se compadecendo das recentes mortes familiares que o Lula teve, a esposa Letícia, o irmão Genivaldo e o neto Arturzinho, e que não deveria haver capitalização política da tal carta.

Embora as palavras do pontífice sobre "a vitória do bem sobre o mal e da luz sobre as trevas" tenham um sentido pastoral, o alvo é eminentemente político, se atentarmos para as condições de golpe de Estado na qual a prisão foi efetuada no ano passado e fundamentalmente a missão deste papa latino-americano, autêntico e corajoso, que tem como alvo a defesa dos pobres – e daqueles que defendem os pobres – muito além dos discursos de ódio dos papas anteriores.

## Salvador e o conceito de cidade andável

**José Carlos Aleluia**

Presidente da Fundação Liberdade e Cidadania  
jca@lehu@uol.com.br

No livro "Triumph of The City" (Triunfo da Cidade), do americano Edward Glaeser, o autor defende a vida urbana – "que nos faz mais ricos, inteligentes, saudáveis e felizes" – desfazendo alguns mitos e falando da importância da aglomeração social para o nosso desenvolvimento. Ele usa exemplos do surgimento de cidades a partir de características específicas que ajudaram uma determinada população a prosperar.

São considerações que me levaram a pensar na história de Salvador. Se o sucesso de uma cidade está atrelado aos benefícios que uma aglomeração pode oferecer, e se cidades antigas preservam em seus bairros tradicionais características que foram necessárias para o desenvolvimento deste espaço coletivo, o que podemos aprender com os bairros

antigos da capital baiana?

Faço esta provocação para entrar em um tema que tenho me interessado. A nova proposta de "cidade andável" e o curioso conceito de "andabilidade". Em entrevista ao jornal inglês The Guardian, a urbanista neozelandesa Skye Duncan diz que, por muito tempo, nossas cidades têm feito a pergunta errada – "como mover os carros?" – quando deveriam perguntar: "Como mover pessoas?". Isso não se resume ao transporte coletivo ou bicicletas. Segundo ela, ao falharmos em pensar no pedestre, estamos ignorando parte essencial do que faz uma cidade o que ela é.

Certa vez meu amigo Rogério Rosso, ex-governador do Distrito Federal, contou-me de quando teve a oportunidade de visitar Niemeyer e ouviu do arquiteto uma mágoa sobre Brasília: a Praça dos Três Poderes, tal qual projetada por ele e Lúcio Costa, tinha uma equidistância de 200 metros entre Congresso, Palácio do Planalto e Palácio da Justiça para incentivar a circulação de pedestres. E que quase ninguém fazia isso.

E Salvador? Pisos compartilhados e novos espaços de convívio resgataram regiões turísticas, a exemplo de Barra, Rio Vermelho, Itapua e Ribeira. Mas como falar em "cidade andável" numa metrópole de três milhões de habitantes marcada pela desordem urbana e violência epidêmica? Duncan explica que bairros que ampliam vias compartilhadas e estimulam o transporte a pé têm como retorno a valorização no preço dos imóveis e crescimento no comércio local. Em Auckland, uma degradada zona comercial viu seu comércio crescer 47% ao ser remodelada com passeios públicos e áreas residenciais em lugares antes destinados a estacionamentos.

Na juventude, quando morava na Caixa D'Água, para o Barbalho, onde estudava, era um pulo. De lá, ia ao Cine Jandaia, na Baixa dos Sapateiros, ou à antiga Fonte Nova. Ao final do dia, uma esticada até a Praça Castro Alves, onde se comia a tradicional "feijoada do caminhão". Se hoje a degradação afasta o pedestre dessas regiões, novos conceitos urbanos indicam que o caminho pode estar em observar o passado para projetar o futuro.